
AMPLIANDO REPRESENTAÇÕES E IDENTIDADES NORDESTINAS EM UM AMBIENTE VIRTUAL

Karen Vieira Ramos¹
Roberto Ribeiro Miranda Cotta²
Scheilla Franca de Souza³

¹ Mestre em Cultura e Turismo. Email karen.ramos@gmail.com

² Bacharelado em Comunicação Social. Email robertocineasta@gmail.com

³ Bacharelado em Comunicação Social. Email scheillafranca@gmail.com

Recebido em 15/05/2009

Aprovado em 23/10/2009

RESUMO

Preocupações acerca das identidades são problemáticas constantes na contemporaneidade. Segundo Hall (2004), percebe-se um descentramento em torno dos sujeitos, tornando-os mais complexos e limítrofes. Este artigo aborda a construção simbólica acerca da nordestinidade em um ambiente virtual. A pesquisa verifica como a Internet pode servir como um espaço de discussão da identidade nordestina, tendo em vista suas ferramentas de interação e possibilidades de enunciação. O aporte bibliográfico advém das teorias da Cibercultura, da Análise do Discurso, de linha francesa, dos Estudos Culturais e dos teóricos da Nordestinidade. Como ponto de recorte, traça-se uma delimitação do site “www.popup.mus.br”. O endereço caracteriza-se como um espaço hipermediático, com uma estrutura que contempla uma tipologia de fórum de discussão e dispõe de possibilidades de interação com o autor das postagens. A temática do *site* é referente à música independente e à produção cultural produzida e consumida no Nordeste.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso; Cibercultura; Nordestinidade;

ABSTRACT

Questions about the identities are currently problems nowadays. Quoting Hall (2004), we can realize a non-centralizing way traded around the subjects, so they are becoming more complexes with your edges more softly determined. This paper broaches the symbolic construction near from the northwest identity in a virtual ambience. The research verifies how the Internet can figure like a discussion space about the northwest identity, regarding your interaction tools and enunciation possibilities. The bibliographic support comes from the Cyberculture, Discourse Analyses, from French line, the Cultural Studies and the theories of Northwest Identity. As a methodological cutting, is traced a point of delimitation around the site www.popup.mus.br. This virtual address is characterized by been a hypermedia space, with a structure that understand a typology of a discussion forum and interaction possibilities with the author of the posts. The thematic of this site regards the independent music and cultural features produced and consumed on the Northwest.

KEY-WORDS: Discourse; Cyberculture; Northwest Identity.

1. INTRODUÇÃO

Com o advento da globalização, a sociedade contemporânea passa por um processo de constantes transformações e estreitamento de suas fronteiras. Este redesenhar ocorre, sobretudo, pelas linhas tênues que se estabelecem através de intensas trocas e contatos entre lugares, pessoas, nações ou regiões distintas. A estrutura dessa sociedade globalizada e seus regimes de visualidade e interações encontram-se recorrentemente instadas em um espaço de fluxo (CASTELLS, 1999), destituído de um caráter rígido dos conceitos de “tempo” e “espaço”.

Num contexto de intensa troca de poder simbólico, a cada nova enunciação se evidencia a existência de uma relação simbiótica entre a ‘realidade’ territorializada de determinado lugar e seus fluxos culturais intemporais e desterritorializados, mais maleáveis, e com possibilidades distintas, como a de um contato além das fronteiras geográficas, por exemplo.

Na atual conjuntura estrutural da sociedade contemporânea, as informações transcorrem em um fluxo contínuo e de grande velocidade. Com o impacto da globalização, barreiras impostas pela territorialidade já não representam obstáculos intransponíveis no que tange ao contato com o Outro, com a alteridade.

A Internet, por sua vez, é uma das principais ferramentas de interação neste contexto. Assim sendo, segundo Lévy (1999), as possibilidades de potencialização do hipertexto virtual, bem como da estrutura dos *sites*, viabilizam uma maior facilidade de disponibilização e acesso a conteúdos, além de uma gama de discussões sobre os mais diversos temas. Nesse sentido, a Internet pressupõe uma leitura mais participativa e com múltiplos ‘*links*’, possibilitando uma construção mais descentrada do conhecimento.

Tendo em vista essas considerações acerca da sociedade contemporânea e seus fluxos de informação que relativizam o tempo e o espaço, e, por conseguinte suas fronteiras, há uma constante problematização teórica acerca da identidade do indivíduo pós-moderno. De acordo com Hall (2004), este sujeito dispendo de todas essas alterações sociais torna-se mais fragmentado e se apresenta de maneira descentrada, trazendo para discussões temáticas como globalismo, nacionalismo e regionalismo, entre outras.

Desta forma, observando tais considerações, este artigo busca tecer discussões acerca da Nordestinidade dentro de ambientes virtuais. Como ponto de recorte, traça-se uma delimitação em torno do *site* www.popup.mus.br. Este endereço virtual caracteriza-se como um espaço hipermediático, do ponto de vista de conseguir agregar diversas mídias (sonora, vídeo, fotografias, textos, *links* para outros *sites*) com uma estrutura que contempla ainda uma tipologia de fórum de discussão e possibilidades de interação com o autor das postagens. A temática do *site*, de maneira

geral, é referente à música independente e à produção cultural produzida e consumida na região Nordeste.

Assim, este artigo busca analisar os conceitos e sentidos relacionados à Nordestinidade, segundo os teóricos deste campo do conhecimento, dentro do ambiente selecionado, buscando estabelecer discussões acerca da identidade Nordestina. Nesse viés, analisa-se a Internet como um espaço de diálogo e interação cultural, uma vez caracterizando-se como uma mídia não centralizada, sem limites fixos de tempo e espaço, com uma estrutura de leitura e escrita hipertextual, congregando fatores que ajudam a compor um espectro mais amplo da identidade Nordestina.

2. DILEMAS PÓS-MODERNOS ENTRE IDENTIDADES: A NORDESTINIDADE

Questões referentes à identidade e suas formas de representatividade são preocupações recorrentes em tempos hodiernos, uma vez que, segundo Hall (2004), na pós-modernidade, o sujeito – em suas múltiplas concepções, seja social, cultural, política, etc. – entra em uma crise identitária, apresentando-se de maneira descentrada, configurando uma postura plurifacetada em relação a si e ao contato com o Outro. É neste ponto que os Estudos Culturais apontam para a insurgência de diversas políticas identitárias, a fim de compreender e estruturar estas posturas de configuração das identidades culturais, fragmentadas mais intensamente pelo fenômeno da globalização.

A partir das prerrogativas acerca de problemáticas engendradas dentro desta sociedade globalizada, urge discutir pontos de vista no âmbito do globalismo, do nacionalismo e mais especificamente, neste momento, do regionalismo. De maneira geral, com relação a estas lutas simbólicas, Bhabha (1998) revela:

Estamos diante da nação dividida no interior dela própria, articulando a heterogeneidade de sua população. A nação barrada, alienada de eterna autogeração, torna-se um espaço limiar de significação, que é marcado internamente pelos discursos de minorias, pelas histórias heterogêneas de povos em disputa, por autoridades antagônicas e por locais tensos de diferença cultural. (BHABHA, 1998, p.209)

De posse dessa contextualização e trazendo a discussão mais especificamente para a relação da região Nordeste e seu processo de identificação, Albuquerque Jr (2001) pontua sobre a tentativa da construção de um discurso do estereótipo nordestino dentro da mídia. O ponto crucial apontado pelo autor não é a simples abordagem do estereótipo de maneira superficial, mas principalmente de toda a rede e mecanismos de poder que fazem os nordestinos se identificarem como nordestinos -

mesmo quando aos mesmos são agregados signos pejorativos - e ainda que o Outro os identifique da mesma forma ao longo dos tempos.

O nordeste e o nordestino miserável, seja na mídia ou fora dela, não são produto de um desvio de olhar ou de fala, de um desvio de funcionamento do sistema de poder, mas inerentes a este sistema de forças e dele constituído. O próprio Nordeste e os nordestinos são invenções destas determinadas relações de poder e do saber a elas correspondente. [...] Nós, os nordestinos, costumamos nos colocar como os constantemente derrotados, como o outro lado do poder do Sul, que nos oprime, discrimina, explora. (ALBUQUERQUE JR, 2001, p.23)

O autor problematiza a região Nordeste de modo a buscar compreender e apreender por via de um levantamento das representações como, por quem e por que se instaura e se compartilha este aglomerado de signos que compõem a idéia de nordestinidade, até mesmo pelo nordestino. Neste sentido, a região Nordeste ganha uma proporção que não é territorial, mas está ligada a uma identificação por troca de fluxos simbólicos, como alerta Barbalho (2004).

Compartilhando do pensamento de Albuquerque Jr. (2001), Barbalho (2004), afirma que a representação em torno desta região vem elaborar e difundir ao coletivo um conjunto de signos que, a partir do momento em que é compartilhada por um grupo ou em relação a um grupo, cria um sentimento de unicidade e por fim a uma identidade. Este sentimento de pertencimento ao Nordeste, do 'ser' nordestino, segundo os autores, é uma invenção recente, que começa a ser montada por volta de 1910, quando o Brasil ainda era visto de maneira polarizada (Norte e Sul).

O autor considera, assim a construção dessa narrativa identitária através de produções culturais e artísticas nos mais diversos âmbitos (cinema, música, poesia, jornal, TV), quando se dá o processo de enunciação e legitimação não apenas da nordestinidade, mas de todo tipo de regionalismo, uma vez que este coloca que as regiões como um produto destes discursos. É interessante observar como o autor propõe a repetição de elementos em enunciados, mas de diferentes formas e em contextos históricos por vezes distintos, processo pelo qual a identidade nordestina se transforma, se renova e, não contraditoriamente, se perpetua através dos tempos.

Segundo os autores, podem destacar-se inúmeras manifestações voltadas ao olhar tradicionalista e não corrompido em relação à modernidade associada diretamente ao ideal de Nordeste. Tratando desse aspecto dentro da música, produto cultural abordado no site analisado, pode-se tecer uma relação com este olhar de construção identitária, na figura de Luiz Gonzaga. A imagem de Luiz Gonzaga, como o rei do Baião, representante da cultura e da raiz do Nordeste, é conforme relata Tavares (2008), uma construção organizada a partir da ótica carioca sobre o Nordeste. O fato não invalida todo o sucesso e mesmo uma coerência da obra de Gonzaga, mas é preciso observar que este processo se deu de fora para dentro.

Embora seja nordestino, Luiz Gonzaga estava no Rio de Janeiro quando se tornou o rei do baião, de modo que seu figurino, suas letras, melodia remetiam a um saudosismo de quem está longe de sua terra, de quem está fora. Nas palavras de Tavares (2008):

O baião é nordestino em seu espírito e essência, mas é carioca de nascimento. Com as características que tem, só poderia ter surgido no Rio de Janeiro, que nos anos 1940, ainda capital da república, rivalizava com São Paulo como grande pólo de atração de migrantes em busca de oportunidades. [...] Seu baião (de Luiz Gonzaga), expressão mais autêntica da música nordestina, foi inventado no Rio, 'para carioca ver'. O que não diminui em nada, é claro, sua riqueza como música e sua verdade como expressão social (TAVARES, 2008, p. 29)

Observando este exemplo, sobre essas relações com os demais estados e regiões, Albuquerque Jr (2001) reforça o caráter de que o ideal de região não é o de uma unidade que possui diversidade, mas “de um produto que homogeneiza, que se dá numa luta de forças que domina outros espaços regionais” (2001, p. 26), daí seu caráter móvel e marcado pelas relações de poder, tal qual foi visto na concepção do baião apresentada por Tavares (2008). Como uma construção mental, o território existencial em torno de uma região é imagético, de modo que suas representações podem repensá-la.

Com a Internet, estas relações de poder apontadas pelos autores em relação à produção e veiculação de produções sobre o Nordeste pode sofrer alterações. No ambiente do ciberespaço há a possibilidade de enunciações que não precisam obedecer a níveis de vigilância e poder no sentido tradicional aplicado às demais mídias, como foi colocado. Há ainda a possibilidade do nordestino se enunciar sem maiores entraves, em sua individualidade, sem precisar deprender estereótipos para se definir como sujeito do Nordeste. Nesse sentido a Internet pode funcionar como lugar de discussão mais aberta e polifônica no que tange à expressão e discussão da Nordestinidade, de acordo com suas especificidades enquanto meio.

3. GLOBALIZAÇÃO E FRONTEIRAS DO CIBERESPAÇO: UMA NOVA ARQUITETURA

Com o fenômeno da Globalização no final do século XX, uma série de alterações se procede na sociedade. Dessa forma, com as inovações no campo das novas tecnologias da comunicação, surge a Internet, um ambiente virtual, capaz de consolidar um espaço de fluxos informacionais muito intensos, intemporais e desterritorializados, que faz emergir uma nova concepção de espaço: o ciberespaço.

De acordo com as considerações de Pierre Lévy (1999) as definições sobre esse meio compõem termos diversificados:

O ciberespaço (chamarei de rede) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (material, intelectual), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. (LÉVY 1999, p. 17)

No Brasil, a Internet se inicia em 1988 com estudos científicos realizados com o apoio da FAPESP (Fundo de Amparo à Pesquisa no Estado de São Paulo). De acordo com os estudos de Carvalho (2006), o pioneiro foi Oscar Sala, que tinha como objetivo o uso acadêmico do meio fazendo com que pesquisadores do Brasil fizessem contato com pesquisadores de outros países.

Segundo Lemos (1999), as primeiras formas de agregações eletrônicas são formadas a partir do momento em que instituições universitárias, pesquisadores e alunos começam a trocar mensagens pela então incipiente Internet. As redes começavam a deixar de lado o caráter militar, contudo ainda continuavam restritas a centros de pesquisa e universidades.

Utilizada inicialmente como instrumento militar e mais tarde para contato entre pesquisadores nas universidades, foi somente em meados da década de 1990 que a internet foi liberada para uso comercial no país, quando são desenvolvidos provedores, proporcionando o acesso do brasileiro à rede de conexão da Internet.

A partir de então a difusão da Internet no país ocorreu de maneira intensa. O ciberespaço potencializa-se com um número cada dia maior de usuários interligados à rede mundial de computadores, que revitaliza a noção de uma sociedade em rede preconizada por Castells (2003). Como uma ferramenta de comunicação descentralizada, segundo Lévy (2003), o ciberespaço pode funcionar como uma espécie de *Ágora Virtual*, dentro de sua estrutura, por potencializar discussões em voga na sociedade contemporânea.

Essas discussões são potencializadas, sobretudo pelas arquiteturas dos ambientes virtuais, como os *sites*, por exemplo, que segundo Lévy (1999), apresentam características e recursos de hipertextualidade, heterogeneidade, multiplicidade, mobilidade dos centros, exterioridade, topologia, metamorfose. A hipertextualidade permite ao usuário uma navegação contínua a partir de seus interesses, através dos links, conexões com outras informações. A heterogeneidade gerada pela união de vários tipos de linguagem e uma agregação de códigos multimídia dentro de um mesmo site, como é o caso do www.popup.mus.br, considerado por Castells (2003) como metalinguagem. A mobilidade dos centros possibilita a locomoção dentro dos *sites*. A metamorfose confere aos sites a característica de contínua atualização estética e de conteúdo, permitindo maior interatividade e informação. A topologia diz respeito à proximidade dos locais de rede com possibilidade de interconexão direta entre eles. A exterioridade permite aos usuários a navegação em com *sites*

vinculados ao inicial e a Multiplicidade a possibilidade de ir para outros *sites* a partir da pagina inicial.

Essa nova arquitetura delineada pelas categorias enunciadas por Lévy (1999) apresentam a Internet em um alto estágio de interconexão e interatividade em suas enunciações. Uma vez estando conectado e de posse de noção básica sobre os funcionamentos desta ferramenta de comunicação, o usuário pode entrar em contato com uma multiplicidade de conhecimentos e informações acerca de variados temas, podendo não apenas visualizar, mas construir e intervir diretamente na construção deste conteúdo e dessas informações, como é o caso dos fóruns de discussão, listas de discussão, comentários, *blogs*, comunidades virtuais, etc.

Com relação ao mote deste artigo, a discussão em torno do conceito de Nordestinidade, a Internet, por não dispor de um olhar vigilante e centralizador e não estar atrelado ao controle de vigilância tradicional e comum aos demais meios de comunicação, esta pode apresentar uma discussão mais aberta e polifônica em relação aos aspectos relacionados à identidade Nordestina e suas transformações. Dessa forma, a Internet funciona como uma espécie de *Ágora Virtual*, podendo servir para por em pauta a discussão e ampliar as fronteiras e olhares sobre a Nordestinidade.

4. METODOLOGIA

Este tópico é dedicado a uma maior especificação em torno de como foram estabelecidos os critérios de busca e seleção que culminam na análise do site: www.popup.mus.br. De acordo com as discussões e pressupostos acerca dos ambientes virtuais e das conceituações teóricas em torno na Nordestinidade, a pesquisadora definiu que primaria por ambientes que apresentassem maiores níveis de interação com o leitor, multiplicidade de códigos e leitura hipertextual, privilegiando essa potencialização de virtualidades típicas do ciberespaço. Nesse sentido, tendo em vista a abordagem temática da Nordestinidade, foi utilizado o sistema de buscas do *site* do Google (www.google.com.br), com as seguintes palavras de busca: “Nordeste, nordestinidade, *sites*, *podcasts*”.

Nesse sentido, o google considerou a existência de uma ampla gama de resultados, entre eles o escolhido “[popup.mus.br](http://www.popup.mus.br)”. A escolha do mesmo se deu por que o mesmo aborda o Nordeste por um viés pouco difundido nas outras mídias, o Nordeste em sua produção cultural e, mais especificamente, musical no cenário independente. A arquitetura do site, por sua vez, apresenta uma ampla gama de códigos e textualidades, além de uma possibilidade ampla de *links* tanto para

conteúdos internos como para outros *sites*, o que coloca em voga toda uma diferenciação de leitura hipertextual, típica da internet.

A escolha do *site* se deu pelo método intencional não-probabilístico por julgamento, onde a autora julgou por todos estes fatores que o mesmo seria coerente e poderia servir como importante elemento para suscitar discussões contemporâneas apresentando uma potencialidade de discussões mais diferenciadas sobre a Nordestinidade, em uma ótica nova.

Nesse sentido, ainda no âmbito da metodologia para a análise dos textos e conteúdos presentes no site, são elencadas as teorias da Análise do Discurso de Linha Francesa, com a noção de enunciado, locutor e polifonia. Bem como das teorias da Cibercultura e da análise estrutural do site e ainda, dos Estudos Culturais em especial da Nordestinidade para pautar as discussões em torno desta identidade. Esta pesquisa apresenta-se com um cunho qualitativo, uma vez que não seria relevante neste momento a simples quantificação de sites sobre Nordestinidade ou que remetam ao tema, mas uma análise qualitativa e interpretativa de conteúdos.

5. UM NORDESTE INDEPENDENTE: AMPLIANDO DISCUSSÕES EM SITE NA INTERNET

Tendo em vista que alguns sites funcionam como um banco de dados permanente (LEMOS, 2004), e este é o caso do *site* www.popup.mus.br, este artigo traça um recorte dentro de seus conteúdos detendo maior atenção sobre seis textos distribuídos em quatro tópicos, mais especificamente: “Um Nordeste Independente”; “10 anos de Brega em Recife”, “Maior que o quê?”, “Frevo do Mundo”; “É preciso urbanizar o forró” No entanto, antes que se proceda a análise dos textos, é preciso que se trace uma descrição e uma breve análise sobre a estrutura do *site*, levando em consideração as características apontadas por Lévy (1999).

Em sua apresentação o site se coloca um lugar de rara aparição, por se tratar de discussão em torno do universo independente na música e na cultura Nordestina, pouco discutida nas demais mídias, estando mais restrito aos festivais e à internet. As postagens dos textos, músicas em formato de mp3, vídeos, *podcasts* e fotografias no site são feitas pelo idealizador do site, Bruno Nogueira, Jornalista e Mestre em Comunicação pela UFPE.

O *site* é dividido inicialmente em categorias: Reportagens, Blog, Podcasts, Discos, Colunas e Entrevistas. Entretanto, o conteúdo pode ser visto ainda de maneira não separada em *posts* na interface inicial do site, com *links* para os devidos assuntos e conteúdos. Com relação à estrutura, há ainda *links* que para outros *sites* que tratam e abordam o mesmo universo, a música independente.

Uma questão interessante é a criação de uma série de *podcasts* coletivos gravados via Skype, com dois interlocutores, Bruno Nogueira em Recife-PE e Luciano Mattos, em Salvador-BA, discutindo questões culturais referentes ao lugar da música independente do Nordeste. Os produtos tratam em si das transformações neste cenário ao longo das duas últimas décadas. Nesse sentido se apresentam duas visões distintas sobre o mesmo ponto este aspecto musical no Nordeste. Os *podcasts* apresentam a maioria das músicas e bandas discutidas nos textos publicados e comentados. É válido ressaltar a presença dos sotaques como importante elemento de enunciação identitária. O baiano chama a atenção diversas vezes sobre a busca de uma ‘pluralidade’ nesse meio, uma característica presente na nordestinidade e ainda mais na baianidade. Já no que tange ao pernambucano, em sua fala ele resalta todas as alterações em torno dos produtos da cultura internacional-popular, nesses mesmos termos preconizados por Ortiz (1988).

Outra seção em separado é a de “comentários”, onde são disponibilizados *links* para textos que funcionam como comentários mais elaborados a outras postagens, ora sobre determinados assuntos em voga neste universo. Outro espaço que leva a *links* de conteúdos internos é o espaço *hype*, onde há uma série de palavras-chaves com ícones do universo cultural nordestino contemporâneo como: “Cordel do fogo encantado”, “Mundo livre”, “Nação Zumbi”, “Recife”, “Salvador”, “Natal”, “Vídeo”, “Silvério Pessoa”. Embora haja ainda *links* que remetem a artistas que não são Nordestinos, é preciso lembrar que este site se remete não apenas à produção, mas ao consumo deste universo de conteúdos não apenas no Brasil, mas do mundo. Justificando este aspecto, funciona em fluxo intenso de conteúdos, desterritorializados. Mas juntos, em consumo e produção, compõe uma visão mais aberta da nordestinidade, valorizando essas ligações de sentido entre universos. Lembrando ainda que as relações de sentido do Nordeste, não podem ser dissociadas do Nacional e nem tampouco do Global.

Como o ponto de vista é de um Nordestino e mais especificamente de um Pernambucano, é claro que se tratando de suas individualidades, tem forte presença da identidade pernambucana, sobretudo nos textos, análises e links apresentados. No entanto é válido ainda ressaltar que a internet possibilita essa expressão mais individualizada, que pode, então, se afirmar como um fenômeno positivo na medida em que nesse diálogo de individualidades, tem-se um todo mais amplo e multifacetado.

De posse dessa visão mais holística sobre o site, é preciso passar para a análise dos textos. Os conteúdos analisados *linkam-se* mutuamente. Apresentam em sua maioria comentários e ainda outros links, para os mais diversos conteúdos. A capacidade de atualização da internet e deste *site*, em contínua atualização, permite um conteúdo renovado e em constante ressignificação. Nesse

sentido é preciso datar que a análise dos textos se procedeu entre os dias 27, 28 e 29 de outubro de 2008.

5.1 Maior em quê? (postagem: 06/mar./2006)

O Carnaval é destaque neste texto, que vai abordá-lo sob a perspectiva da renovação cultural, como pode ser percebido nos trechos destacados do texto transcrito abaixo:

Carnaval não é só folia. Durante os quatro dias de fevereiro, a Bahia aproveita para fazer uma movimentação imensa na sua indústria do axé music. Mesma história no Rio de Janeiro, com o mercado do samba. Cidades onde a festa é tradição aproveitam para lançar novas músicas, novos artistas, discos e produtos agregados. São quatro dias que garantem um ano inteiro de repertório novo para rádios, lojas e televisão. Só que nem aproveita é o Recife. Não existe renovação no frevo local. Novos artistas e novas composições não ganham destaque. Nas ruas de Olinda, num espaço menor que uma hora, o frevo de Vassourinhas tocou nove vezes. Falta de compositores, com certeza, está longe de ser motivo para isso. Durante uma entrevista para a Rádio Folha FM 96,7, o secretário de Cultura Roberto Peixe disse que o Recife tem o maior Carnaval do mundo. Menos na música, pelo visto.

O texto apresenta comparativos de realidades Nordestinas. Questiona as relações de poder que tanto falam os teóricos da Nordestinidade, quando essas relações apresentam apenas uma visão estereotipizada, se aproveitando das suas possibilidades turísticas, por exemplo, como é o caso do frevo. Uma abordagem interessante é a enunciação de que “Carnaval não é só folia”, rompendo com toda uma gama de sentidos atrelados a esta festa popular, bem como com o conhecimento da difusão do *axé music* nesse contexto.

5.2 Um Nordeste independente (postagem: 15/ago./2006)

Uma das maiores postagens do site analisado apresenta ainda um maior número de comentários. Este texto é atrelado ao podcast, de mesmo nome, encontrado logo na home Page. Os conteúdos (possui arquivos em mp3), apresentam todo um panorama sobre a música independente no Nordeste. Porém o mais interessante são os comentários. O termo “independente” trouxe a tona toda uma polissemia que gerou uma discussão que remonta às idéias separatistas entre o Sul e o Nordeste do país, como afirmou Albuquerque Jr. (2007).

Tais ecos podem ser percebidos no trecho abaixo:

Pode acreditar, não é bairrismo. A música mais legal que é feita hoje no Brasil, está toda concentrada no Nordeste. O volume da produção é muito grande - ou muito alto, para fazer um trocadilho esperto - o que garantiu a criação de um novo eixo. Agora, as bandas do Sudeste e que batalham para conquistar espaço aqui na

parte de cima. Recife – MELLOTRONS. Paraíba - ZEFIRINA BOMBA; Salvador – CASCADURA; Natal - BUGS

Os termos destacados remontam a toda aquela primeira divisão e todas as produções referentes ao Nordeste que não fazem parte de uma produção Nordestina. Ou mesmo do fato de que os músicos daqui (Luiz Gonzaga, por exemplo) iam para o Sul para fazer sucesso.

Com relação aos comentários, tem-se que eles, na maior parte das vezes, trazem a tona discussões em relação às essas questões de oposição Norte x Sul, agregando ao termo “independente” um desligamento hierárquico de poder e representação, como no comentário seguinte:

Já que existe no Sul este conceito que Pernambuco é ruim, seco, ingrato, já que existe a separação de fato. É preciso torná-la de direito, quando um dia qualquer isso for feito. Todos dois vão lucrar imensamente, começando uma vida diferente da que a gente até hoje tem vivido. Imagine o Brasil ser dividido e Pernambuco ficar independente. Dividido a partir de Alagoas, Pernambuco seria outro país. Vigoroso, leal, rico e feliz, sem dever a ninguém no exterior (ROBERTO VIEIRA por Carlos Zatti, pernambucano)

Os comentários chegam a um embate tão intenso que o autor começa a enfatizar o sentido com o qual havia empregado o termo ‘independente’, no sentido de alternativo, fora do circuito comercial.

5.3 “É preciso urbanizar o forró” (postagem: 08/ago./2008)

Esta afirmativa apresenta-se como uma citação, com as delimitações de aspas. Trata-se de uma entrevista que Nogueira realizou com Xico Bezerra, músico importante na região no gênero do forró. Destaca-se neste *post* a modernização de mais um dos mais importantes representantes da nordestinidade. Para tanto, ele apresenta o músico:

Não precisa de muito esforço, numa manhã de pouca chuva no Mercado da Madalena – ponto de encontro dos forrozeiros em Pernambuco – para perceber o quanto a figura de Xico Bizerra é central. Ele, ao contrário da maioria, não está tocando nenhum instrumento ou mesmo cantando. Mas quem se arrisca num acorde, sempre olha de volta em busca de uma aprovação. Quem chega, faz questão de cumprimentar ele que hoje é o compositor mais gravado do forró no estado. [...] Xico Bizerra nasceu no Crato, interior do Ceará, mas veio para o Recife ainda jovem no começo da década de 70. “Tenho mais tempo de vida aqui, por isso sempre digo que sou cearense de paridez, mas pernambucano de coração”. A primeira lembrança musical ainda vem de lá. [...] Sinais de uma organização quase compulsiva, que justifica todo o funcionamento de uma sociedade dos forrozeiros. [...] A Sociedade dos Forrozeiros Pé de Serra e Ai (o termo no fim é expressão comum no meio) é uma Organização Não Governamental que tem como principal objetivo “gerenciar o forró” e repassar

informação de gestão para os músicos e compositores. [...] “As vezes até brinco quando me perguntam se uma música é em tom maior ou menor. Eu não sei! Faço de um jeito que a música sai e pronto”, brinca. Apesar da produção prolífica, ele também garante que não tem método. “Eu não sento no computador e digo ‘pronto, vou compor’ e faço algo”.

Os trechos assinalados dizem respeito a toda uma construção identitária de Nordeste na persona de Xico Bezerra. Nesse sentido estão atrelados relativizações típicas do local (o local forma o regional), bem como interessantes nuances em sua linguagem. Além disso, são evocados sentidos de organização e ao mesmo tempo, ingenuidade e espontaneidade, tradicionalmente agregados ao nordestino.

Nesse sentido, continua, em relação ao discurso, vale ressaltar a consonância organizada entre as duas vozes:

Xico Bizerra está longe de ser um modelo purista, daqueles que quer guardar o ritmo que toca em uma redoma. “Precisamos urbanizar o forró. Tem que cantar o Sertão sim, mas também tem que cantar o urbano. Se continuarmos falando de Juazeiro, da asa branca, do jibão e da sanfona, o público mais jovem não vai querer saber disso”, reflete. “É por isso que eu procuro em meus trabalhos ter sempre algo moderno”. “Até porque Gonzaga, em sua magnitude, esgotou. Falou de tudo, do passaro, da planta, do árvore, do rio, da terra, da seca. E falou tão bem que qualquer pessoa que falar disso hoje não conseguir fazer como ele fez”, completa. O orgulho se fere mais quando o forró eletrônico entra em questão. “Já fui sondado por uma banda, queriam conhecer meu repertório, mas disse que o meu estilo não combina com o que eles fazem. São concessões que não valem a pena fazer”, diz.

Nesse sentido, tem-se um compêndio de relações que utilizam as expressões musicais independentes e contemporâneas do Nordeste como instrumento de discussão acerca da Nordestinidade. Toda uma variação linguística é acentuada durante todo o texto, de modo que a modernização não implica em uma perda de identidade, mas, ao contrário, em uma expansão da mesma. Como Bezerra anuncia em sua fala, são evidenciados os diversos estilos de forró, não apenas o tradicional, enfatizando ainda a necessidade de buscar novas temáticas, não mais aquelas abordadas por Luiz Gonzaga. No entanto, o mesmo não compactua com todas essas vertentes, afirmando que o forró eletrônico não é condizente com a sua concepção pessoal de produto cultural de qualidade.

5.4 Dez anos de brega no Recife (postagem: 04/fev/2006)

O ritmo “brega” é o terceiro dos gêneros discutidos neste site. É interessante perceber o destaque que o autor dá à questão da inovação dentre dos ritmos e representações, num desejo constante de atualização, que remete ao sujeito tecnológico que, por sua vez, estaria de encontro ao nordestino enraizado.

O brega está em todo o lugar. Os mais puristas podem até não aceitar, mas o ritmo já é a marca da música popular da cidade. Uma cultura que se espalhou com tanta rapidez que pouca gente consegue traçar quando foi que tudo começou. A reportagem da Folha de Pernambuco descobriu. No dia 11 de março, o brega completou dez anos de vida. [...] E o público não parou de crescer. Os festivais de brega chegaram a reunir 70 mil pessoas, com shows de Reginaldo Rossi e convidados. Nesse mesmo dia, representantes da Sony levaram os artistas locais, incluindo o Labaredas, para o patamar das grandes gravadoras. [...] O brega nasceu e sobrevive dessa constante mistura de ritmos, sempre se reinventando e enfrentando a polêmica de ser aceito. [...] Com isso, o brega completa 10 anos de idade ainda com cara de novidade, com força para render muitas outras dezenas de anos.

Nesse sentido, estas análises, ainda que de cunho superficial, permitem uma reflexão em torno dos ideais de Nordestinidade e de suas novas fronteiras no universo pós-moderno. É interessante perceber como o autor coloca como positiva a noção da mistura, do transe entre os gêneros, que seria responsável pela atualização dos produtos culturais no Nordeste. Este aspecto, presente em todos os textos, é condizendo como toda uma gama de teorias sobre as trocas de informações na sociedade pós-moderna, que gera sujeitos mais descentrados e em constante transformação.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo traça uma abordagem de comparação entre as teorias que estudam a Nordestinidade enquanto uma identidade e representação e o modo como esta pode ser discutida e observada através dos textos do *site* escolhido. Nesse sentido pode-se tecer algumas considerações.

O ideal de discutir a música independente permite a construção de um caminho alternativo, no entanto, este fator será sempre alternativo à alguma manifestação, o que enriquece o seu sentido de múltiplas vozes e sentidos no discurso. As ligações e observações tecidas a partir dessa ótica permitem uma abordagem bastante polifônica do Nordeste, bem como de um diálogo entre individualidades, revelando particularidades que não são exploradas pelas vertentes estereotipadas amplamente difundida pelas produções dos meios de comunicação de massa.

Percebemos, como em algumas das falas com diferentes visões sobre o regional (no caso, o Nordeste) são produzidas, com aproximações e afastamentos dos esterótipos sobre o que é ser nordestino. Quando Roberto Peixe enfatiza a ausência de uma renovação cultural na música ou quando Xico Bizerra assume o compromisso em “urbanizar o forró”, detecta-se a aceitação da renovação, da ressignificação de sentidos que são atribuídos sobre si. Da mesma maneira, esses valores podem ser vistos no entendimento do brega como um ritmo que surgiu, contraditoriamente, mantendo e renovando a tradição.

Entretanto, a contenção de outros valores, a possibilidade de ser “interpelado” por aquilo que lhe é exterior não é uma constante. A não aceitação, o afastamento sobre aquilo que não é considerado essencial, a idéia de que tais “concessões não valem a pena fazer” - retomando a fala do artista quando rompe com o forró eletrônico - também ocorre.

Percebemos então, um movimento de contenção e resistência de valores que pode ser vista como inerente ao sujeito pós-moderno sendo este, seguindo as pistas de Hall, multifacetado e fragmentado.

Esta “territorialidade desenraizada”, tomando expressão usada por Ortiz (1999), encontra o seu espaço e se potencializa na rede, sendo um espaço atravessados por forças diversas. Entendemos que, “o desenraizamento é uma condição de nossa época, a expressão de um outro território” (ORTIZ, 1999, p. 69).

Desse modo, o site em toda a sua estrutura transmite esta idéia de polifonia, ao evocar diversas discursividades em sua estrutura. As relações específicas da internet enquanto meio influenciam no tipo mais aberto de abordagens da Nordestinidade no *site* e nos conteúdos. E demonstra como, no contexto atual, o que é dito sobre a região Nordeste é uma atualização/ampliação do repertório sobre tal questão.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFIAS

ALBUQUERQUE Jr, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo, Cortez, 2001.

BARBALHO, Alexandre. **Estado, mídia e identidade**: políticas de cultura no Nordeste contemporâneo. ALCEU – v.4 – nº8 – jan/jun, 2004.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**: a era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

LEMOES, André. **Agregações eletrônicas ou comunidades virtuais?** análise das Listas Facom e cibercultura, 1999. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/agregacao.htm>. Acessado em 26/out./2008.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre. **Pela ciberdemocracia**. In. Por uma outra Comunicação. Moraes, Denis de. (org). Rio de Janeiro: Record, 2003.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. 2.ed. Campinas: Pontes, 1993.

ORLANDI, Eni. **Análise do discurso: Princípios e Procedimentos**. Campinas: Ed. Pontes, 2001.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

ORTIZ, Renato. **Um Outro Território**. In: BOLAÑO, César R. S. (org.). Globalização e Regionalização das Comunicações. São paulo: EDUC, 1999

TAVARES, Bráulio. **O baião é carioca**. Revista de História da Biblioteca Nacional. 36.ed. agosto, 2008.